ÉLIA ROSETE RAMIRES POMBEIRO GONÇALVES

35805
1969-R-11

Breve panorama do teatro em Portugal entre 1900-1940 e análise do teatro de JÚLIO DANTAS como expressão dessa época.

DISSERTAÇÃO PARA A LICENCIATURA EM FILOLOGIA ROMÂNICA. APRESENTADA À FACULDADE DE LETRAS. DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
35805
UNIVERSIDADE DE LISBOA

LISBOA
1969

A memória de meu Tio

Joaquim José Delgado

N O T A P R É V I A

Agradecimento

As minhas primeiras palavras são de profundo agradecimento ao Senhor Professor Doutor Prado Coelho pela orientação e atenção que fez o favor de dispensar à minha tese de licenciatura.

Justificação

Desejo justificar o que pretendi realizar neste meu trabalho.

Penso, que é indispensável um estudo minucioso do teatro no princípio do século XX, estudo esse que se estenderá, necessàriamente, à análise do contexto sócio-político-cultural.

É evidente, que esse trabalho exaustivo não cabe no âmbito duma tese de licenciatura.

Que resolvi então fazer?

Na primeira parte da tese, focar alguns aspectos do teatro dessa época, nomeadamente as polémicas de

jornal.

Será, portanto, uma achega para o tal trabalho de vulto que eu considero urgente realizar-se.

Todavia no meu trabalho pareço ignorar toda uma série de fenómenos culturais — Orfeu, Presença, autores de relevado mérito, etc. — o que deve ser considerado imperdoável.

Mas... eu explico. Eu quis realizar aquilo que ainda não estava elaborado e estudos sobre o Orfeu, a Presença, D. João da Câmara, Alfredo Cortês, etc. — já têm sido feitos numerosas vezes.

Podia no entanto, tê-los focado.

É verdade. Mas para os focar teria também que tratar de muitos outros pequenos-nadas e nunca mais acabaria.

O meu estudo é mais modesto. Limita-se a obter informações sobre teatro ùnicamente em jornais e

revistas.

Poderá, contudo, apontar-se: se essas informações já existiam qual é o mérito deste trabalho?

Pretendi reuni-las, coligi-las, dando-lhes um elo de ligação.

E qual a razão de aprsentar uma lista de peças representadas se existem alguns ficheiros com certas dessas informações?

Sim, existem alguns ficheiros nos teatros —— naqueles que não arderam ou naqueles cujos catálogos se não perderam.

Mas eu achei que tinha interesse saber quais as peças que foram representadas e quais as que os jornais noticiaram, muito embora reconheça que a lista apresentada não é exaustiva.

Contudo ela é útil, porque contem dados que não se encontram fàcilmente nos poucos catálogos existen

tes.

Dessa lista poderá extrair-se uma série de juízos sobre o nível das peças, autores preferidos, casas de espectáculo de melhor nível e estudo dos períodos mais fecundos do nosso teatro.

A segunda parte desta tese refere-se a Júlio Dantas dramaturgo.

Júlio Dantas foi o dramaturgo de maior voga neste início do século XX — daí o ter sido ele escolhido como representante do teatro dessa época; daí o ter sido fixada a data 1900 — 1940 que é a que corresponde, grosso modo, à publicação da sua obra teatral.

Desde já, quero esclarecer que a obra teatral deste dramaturgo não é, de modo algum, estudada exaustivamente.

Aponto, apenas algumas linhas gerais, alguns aspectos que caracterizam essa dramaturgia.

Reconheço que haveria ainda muito mais terreno para desbravar, se o trabalho fosse mais longo.

Todavia, eu volto a afirmar que a intenção desta tese de licenciatura é ser apenas um contributo para o estudo do teatro no princípio do século XX.

E, nada mais.

I - BREVE PANORAMA DO TEATRO EM PORTUGAL ENTRE 1900 E 1940

I - BREVE PANORAMA DO TEATRO EM PORTUGAL ENTRE 1900 E 1940

a) Aspectos da sociedade

Robert Escarpit, in Sociologie de la littérature, diz: "Il faut interpréter les grandes lignes du fait littéraire au moyen d'un autre type de données objectives fournies par l'étude des structures sociales qui encadrent le fait littéraire et des moyens techniques qui le conditionnent: régimes politiques, institutions culturelles, classes, couches et catégories sociales, métiers, organisation des loisirs, degré d'analphabétisme, statut economique et légal de l'écrivain, etc." (1)

É óbvio, que não vou procurar exaustivamente "les données objectives fournies par l'étude des

---

(1) R. Escarpit, Sociologie de la littérature, Paris, 1964, p. 27.

structures sociales" mas, não podendo explicar as manifestações teatrais sem sondar o ambiente cultural do país, irei ao esboçar este panorama teatral, focar em largas pinceladas, alguns aspectos reveladores da nossa sociedade neste período.

Impõe-se, então, a questão: qual é o nível cultural de Portugal?

Baixíssimo.

Jacinto Baptista, in O 5 de Outubro fala da enormíssima percentagem de analfabetos. (1)

Este problema tão angustiante e tão sintomático da incultura de toda uma sociedade, é abordado com insistência no jornal O Diabo onde aliás se desenvolve uma campanha contra o analfabetismo.

Por exemplo, no número de 27 de Setembro de

---

(1) J. Baptista, O 5 de Outubro, Lisboa, 1965. p.p. 170 e segs.

1936 do citado jornal,Rodrigues Lapa escreve:"Em conclusão, grosseiramente exposta: três quartos dos portugueses não sabem ler nem escrever, são material humano desaproveitado ou pouco menos, no exercício da cultura e no desfrute dos seus bens."

E esta percentagem está longe de ser a expressão da verdade, pois sabe-se, como basta um indivíduo rabiscar com dificuldade o seu nome para ser considerado alfabeto.

Juntemos a estas, as palavras de Adolfo de Freitas insertas no jornal O Diabo do dia 24 de Fevereiro de 1940:"A percentagem dos que não sabem ler temos entretanto de juntar a dos que simplesmente soletram, dos que tendo frequentado as primeiras classes da escola primária por ali se ficaram em conhecimentos" se pretendemos consciencializarmo-nos acerca do nível cultural do país.

O citado jornal O Diabo torna-se eco das preocupações de quantos sentem a gravidade do mal que se enraíza pelo país.

Assim, no número de 24 de Junho de 1939 afirma-se que existem 750 000 crianças em idade escolar de que só poucas mais de 200 000 sabem ler.

No número de 29 de Julho de 1939 lê-se:"(...) há quase 5 000 000 de portugueses que não sabem ler. Este número assustador explica com clareza o baixo nível cultural existente no nosso país."

Apela-se para uma solução do problema no número de 12 de Agosto do mesmo ano:"Há quase 5 000 000 de portugueses que não sabem ler. São 5 000 000 de portugueses condenados à ignorância embrutecedora. É necessário exterminar o analfabetismo."

E no número de 19 de Agosto ainda do mesmo ano escreve-se:"Enquanto quase 5 000 000 de portuguese fo

rem analfabetos, ficam no ar os grandiosos projectos de elevação do nível cultural das massas incultas. Aprender a ler não é suficiente. Não basta alfabetizar: também é preciso cultivar."

O analfabetismo surge ainda mais deprimente no que se refere à mulher.

No século XVIII Luís António Verney na Carta XVI do Verdadeiro Método de Estudar mostra-se um apologista consciente da instrução feminina e finalmente dois séculos depois "(...) pouquíssimos são ainda os adeptos da instrução feminina, e muitos os mantenedores sistemáticos dos velhos preconceitos, que recusam à mulher a educação do espírito, a cultura das suas aptidões artísticas e intelectuais" segundo afirma Magalhães Fonseca no número de 15 de Outubro de 1888 da revista Ilustração Portuguesa.

Aliás, este desnível entre o homem e a mu

lher pode ser claramente observado nos dados compilados no Censo da População de Portugal - número 1 de Dezembro de 1911, p. XXIII, citado por Jacinto Baptista in O 5 de Outubro.

Eis o quadro:

Anos	Percentagem de analfabetos		
	População total sem distinção de sexos	Varões	Fêmeas
1911	75,1	68,4	81,2
1900	78,6	71,6	84,9
1890	79,2	72,5	85,4

Foi este aspecto - o analfabetismo - tratado um pouco mais em pormenor por ser absolutamente capital para a compreensão do baixíssimo nível do país.

Alguns outros aspectos reveladores da sociedade serão apenas apontados para não alongar o presente

capítulo.

O crescimento urbano de Lisboa foi grande pois entre 1896 e 1901 construiram-se 1061 prédios.(1)

Todavia, a cidade continuava deveras provinciana, apesar deste vertiginoso desenvolvimento.

Facto notório é, a título de exemplo, a receita das assinaturas do teatro S. Carlos que dera como lucro 120 contos na temporada anterior ao 5 de Outubro e que na época seguinte baixou para 55 contos.

Essa fuga de pessoas verifica-se ainda em relação às pastelarias e lojas de modas.

É claro, que se exceptuam as famílias que desempenharam altos cargos durante a República pois essas frequentavam tudo o que era considerado snob na época.

No que se refere ao aspecto financeiro, Ja

(1) Jacinto Baptista, ob. cit., p. 36.

cinto Baptista diz: "A situação financeira é pavorosa! Um "déficit" de cerca de 5 000 contos e uma dívida de 80 mil." (1)

Sintetiza a crise financeira o jornal Diário de Notícias de 14 de Fevereiro de 1910 com a frase "o país atravessa uma situação difícil."

A par destes aspectos negativos dois horrendos flagelos alastravam: a fome e a tuberculose. (2)

Como é óbvio, o segundo destes males resultava do primeiro, como se verificou no Congresso da Tuberculose de Viana do Castelo, citado por João Chagas

---

(1) Jacinto Baptista, ob. cit.
(2) João Chagas, Cartas Políticas, Lisboa, 1908 a 1910.
(2) Augusto da Silva Carvalho, Os impostos, a alimentação e a tuberculose, Lisboa, 1903.
Trindade Coelho, Manual Político do Cidadão Português Porto, 1908.
(2) Engº Simão de Martel, A alimentação das classes pobres e as suas relações com o trabalho. In - Boletim do Instituto Industrial, nº 44, Lisboa, 1911.

"uma das causas do flagelo público d'essa enfermidade é- - a insuficiência da alimentação." (1)

A par de todo este rosário, mil e um pequenos males afectavam a sociedade e o nível cultural ressentia-se profundamente.

Apesar de tudo, vou analisar, em seguida, a situação do teatro, essa manifestação cultural que, a todo o custo, tentou sobreviver no meio da mais completa letargia intelectual.

---

(1) João Chagas, Cartas Políticas, Lisboa, 1908 a 1910

b) Situação do teatro: causas de decadência e perspectivas de solução

Todos os aspectos anteriormente focados eram absolutamente incompatíveis com o florescimento da cultura, nas primeiras décadas do século vinte.

As revistas e jornais referem como manifestações culturais algumas exposições de pintura e escultura, récitas de amadores (música, poesia, teatro), concertos, visitas a museus, reuniões intelectuais, exibições de filmes e, com mais relevância, representações teatrais.

Apesar do entorpecimento que se enraíza no país, ainda é o teatro a única chama que o faz vibrar.

Há muita produção teatral sem o mínimo valor, mas que atrai público, e outra de certo nível que não

encontra aplausos, o que demonstra a falta de preparação intelectual das plateias.

Esses jornais e revistas fazem referência às peças representadas, com discriminação do autor, actores, local de representação e uma nota breve sobre o agrado ou desagrado da peça perante o público.

É ainda nesses veículos de informação, que se deparam artigos sobre o problema teatral português, nomeadamente as causas de decadência e, algumas vezes mesmo, se apontam tentativas de soluções.

Sendo inoportuno transcrever todos esses artigos, seleccionei aqueles que se me afiguraram mais significativos.

Para a exposição desses artigos, adoptei uma ordem cronológica.

No final do século XIX a revista Ilustração Portuguesa é eco de lastimosas referências sobre o baixo

nível teatral, como o artigo de Alfredo Óscar May inserto no número de 2 de Junho de 1888 "O teatro português reflecte o estado social do país. A vida nacional espelha-se na cena. Assim como a nossa existência de nação é condicionada por circunstâncias que a tornam vulgar, frouxa, inconsistente, sem que a dominem os fortes e sérios interesses e a acalentem os sublimes ideais, assim o teatro, repercussão dum viver trivial e anémico, não dá realmente ensejo a apregoarmos frequentemente uma manifestação viva, brilhante, quer nas produções, quer no desempenho das mesmas. Não se nos depara um objecto d'estudo; falta-nos o produto da alma artística d'um povo. Vivemos completamente desinteressados da verdadeira arte."

Surgem, esporàdicamente notícias de artistas estrangeiros de reconhecido mérito, que vêm representar a Portugal.

Efectivamente, pode ler-se na Ilustração

Portuguesa no número de 9 de Dezembro de 1907 "Lisboa vai experimentar novamente o prazer delicado de ouvir a grande actriz que é Réjane em algumas das suas mais célebres e recentes criações teatrais".

Três anos depois, no número de 19 de Dezembro da citada revista, se fala no êxito retumbante obtido na capital lisboeta pelos afamados e distintos artistas "Coquelin, Novelli, Duse, Sarah Bernhardt, Réjane, Bartet, Mimi Aguglia, Nelly Cormon".

Ainda animadoras são as palavras de Augusto de Castro no número de 27 de Julho de 1914 da mesma revista "D'antes, em chegando o verão, os teatros de Lisboa, salvo raras excepções, fechavam.

(...) Junho via emigrar, de malas às costas o teatro alfacinha.

(...) os teatros começaram lentamente a experimentar o verão. Agora, quase à porta d'Agosto, aí te

mos nós quatro teatros abertos e três, um dos quais novo, que se preparam para abrir.

O lisboeta, que tem positivamente o vício do teatro, perdeu o medo ao calor."

Embora este facto não deixe de estar relacionado com o aparecimento da ventoínha eléctrica, que fazia com que no teatro se estivesse com uma temperatura agradável, é já um certo sintoma de adesão da parte do público.

Mas o problema reside agora, em averiguar qual o nível das peças que ele vai ver, e que, numa maioria, são revistas, zarzuelas ou comédias sem interesse.

Por diversas vezes, se falou nesta época, na necessidade da reforma do teatro Nacional, para, efectivamente, ver se se alcançava uma melhoria de produções e actuações teatrais.

É pois, com verdadeira mágoa, que Interino

no número de 8 de Setembro de 1923, dá conhecimento do decreto da referida reforma nestes termos: "A reforma, ocupando 20 colunas de folha oficial, deixará tudo como estava, ou pouco menos."

E parece, que a situação teatral se vai agravando pelo que se deduz do número de 15 de Setembro do mesmo ano, num artigo "A presente crise do teatro português" por Interino "Em meados de Setembro, ainda se ignora, quase totalmente o que venha a ser a futura época nos teatros de Lisboa. Exceptuando a companhia de Lucília Simões que nos promete para S. Carlos algumas obras primas estrangeiras e vários originais portugueses.

(...) Abrimos os jornais estrangeiros, os da nossa vizinha Espanha, os da nossa adorada França.

Percorremos as secções de informação teatral e encontramos enumeradas as peças novas e as que vão reaparecer."

Este desnível quando se estabelece um paralelo entre Portugal e o Estrangeiro é focado novamente no número de 6 de Outubro do mesmo ano, num artigo de Interino sobre "Os Reportórios da próxima época" "(...) Não consta que esteja anunciada qualquer (peça) das que, na Itália ou na França, acusam uma evolução na cultura dos géneros dramáticos, quer quanto ao fundo literário e ao processo construtivo, quer quanto à essência temática. Sob este aspecto andamos muito atrazados, continuando a marcar passo".

O autor vai depois detectar algumas causas deste atrazo "Os nossos teatros, de há alguns anos a esta parte, padecem, em geral um pouco, de ausência de uma direcção que saiba harmonizar os interesses da arte e os da indústria.

(...) Uma crítica independente e desassombrada, a que não escasseia autoridade moral e intelectual,

pode contribuir para que a inconveniência de certas faltas de critério e também de respeito pelo público, por bandas de directores e comediantes, venha a ser corrigida e até evitada já dentro da própria época que vai iniciar-se."

Finalmente pode ler-se com agrado o que diz Augusto de Castro no número de 8 de Dezembro do mesmo ano, em referência à companhia italiana de Dario Niccodemi "É caso raríssimo, senão único, a visita de uma companhia dramática estrangeira dirigida por um homem de teatro que seja, simultâneamente, escritor de fama, festejado no velho e no novo mundo.

(...) A companhia apresenta-se-nos constituída por forma a permitir-nos que apreciemos, através de um desempenho primoroso as mais belas obras do renascimento do teatro que a Itália está produzindo e ainda outras que, não sendo italianas já agora figuram nos reportórios das

grandes cenas europeias... (...) objectivo de honrar e propagar a literatura e a arte italianas não só tornando conhecidos autores de mérito, como também fazendo-os interpretar por um conjunto de artistas idóneos, desde os da 1ª fila até aos mais modestos e obscuros."

E no número de 22 de Dezembro, Augusto de Castro escreve, referindo-se à mesma companhia, estas palavras tão sensatas que são simultâneamente um desabafo "(...) Quão longe estamos de poder efectivamente comparar com os nossos artistas e a nossa literatura teatral, a mesma acção beneficiante em terras do Brasil e da África! Os nossos comediantes de valor continuam dispersos e cercados de meros curiosos; as companhias multiplicam-se, não sob o influxo da ideia de servir a arte, mas tão sòmente animadas de um espírito de exibicionismo e de industrialismo..."

Embora em número reduzido, por vezes no meio

desta tão apregoada crise, surgem certas iniciativas dignas de aplauso, como aquela a que se refere Augusto de Castro no número de 12 de Janeiro de 1924 da Ilustração Portuguesa "Augusto Pina tomou a iniciativa de uma série de espectáculos teatrais que têm por fim apresentar ao público algumas obras primas da literatura dramática nacional e estrangeira, postas em cena e interpretadas com verdadeiros requintes de arte."

Mas, surge agora, a habitual pergunta: e que público acudiu a esses espectáculos?

E continuando o artigo, pode ler-se "A escassez de público pode talvez filiar-se em dois motivos principais: o 1º, a falta de autêntica sensibilidade estética de uma grandíssima parte dos que, tendo meios de fortuna, nenhum sacrifício de bolsa fariam, se comparecessem em tais espectáculos; 2º o preço dos lugares que, sem ser mais elevado que o das récitas das companhias estrangei-

ras, não está, porém, ao alcance de muitos que desejariam assistir e se encontram pela sua inteligência, pela sua cultura e pelas inclinações do espírito particularmente aptos para apreciar as representações cénicas desta ordem... .

(...) Mas, desde que a raça dos mecenas se extinguiu na nossa terra e o teatro passou a ser, em grande parte, uma indústria subordinada apenas a lucros materiais, tantas vezes errada e baladamente procurada, como obter uma cena fixa, que se reserve à pura arte?!".

E, é efectivamente, calamitosa esta situação: quando surge uma tentativa de bem servir o teatro, ela fracassa; e fracassa sempre pelos mesmos motivos: falta de cultura-base do público e falta de escrúpulo por parte das companhias, que só sabem especular com o teatro.

Passo agora a consultar o jornal O Diabo, pois ele foi porta-voz dos grandes problemas que afecta-

vam o teatro.

Este capítulo é, aliás, elaborado com base em depoimentos da Ilustração Portuguesa, O Diabo e Serões os quais reputo como importantes fontes de informação da época.

O jornal O Diabo teve a louvável iniciativa de proceder à realização de um inquérito sobre a chamada crise teatral.

Logo no seu primeiro número - 30 de Junho de 1934 - e, uma vez que, se encontram desempregados Adelina Abranches e Alves da Cunha se faz uma entrevista a este último em que o actor vai tecendo toda uma série de observações repletas de interesse e propondo algumas soluções para a crise teatral.

A questão: "Considera o nosso teatro em crise?" responde Alves da Cunha: "Sob o aspecto material sim, como, aliás, se verifica em outras explorações industriais

pouco inteligentes e muito gananciosas.

Quanto ao seu modo artístico não noto a tal crise tão apregoada por inimigos da arte. Esta só é produto desvalorizado quando é má. Os artistas é que estão em crise; a arte, não.

(...) O teatro denominado Casa de Garrett tem servido para tudo - excepto para elevar a arte dramática.

(...) Eu sou o primeiro a reconhecer que uma das cousas que mais têm contribuído para o estado de desmoralização e indisciplina em que o teatro se encontra é exactamente a falta de ensaiadores, de disciplinadores, de orientadores artísticos, falta que trouxe como consequência a abundância de nocivas nulidades insensatas que se arrogam a missão de orientar.

(...) O problema que há muitos anos pesa sobre o Teatro Nacional não oferece quanto a mim, aspectos

insolúveis. O caso até me parece bem fácil de resolver. Se ao Estado a arte dramática é digna de atenção, os poderes públicos só têm um caminho a seguir: tomar conta do Teatro Nacional, subsidiá-lo e adaptar ao nosso meio o regulamento da "Comédie Française" e está lançada a base do nosso Teatro Nacional. O resto são pormenorizações".

Com a divulgação, embora em pequena escala, do animatógrafo, alguns acusam este de principal culpado da crise de teatro.

Mas a esta ideia se opõe Eduardo Scarlatti, no número de 5 de Agosto de 1934 "O teatro e o cinema podem viver em excelente harmonia, um ao lado do outro, com uma condição essencial: que nem um nem outro saiam do seu domínio respectivo."

Porém, Roberto Nobre no número de 17 de Setembro do mesmo ano, afirma o contrário: "O cinema não vive paralelamente ao teatro, veio substituir o teatro na

sua influência mental e intelectual."

E prossegue:

"Mas a crise de teatro é universal quer de autores, quer de actores, quer de público. O teatro perdeu o seu poder de orientador e de influente.

(...) Deve deixar-se extinguir o teatro? Não, nunca. Os quadros e as esculturas vão para um museu e quanto mais antiquadas, mais valiosas. Mantenha-se, por nobreza artística, um teatro, uma espécie de museu vivo, subvencionado por todos nós, pelo Estado.

(...) Resumindo: Segundo julgo o teatro está destinado a ser uma "arte de sector" levada em "boîtes" para um público especial."

Uma triste realidade é apontada por Eduardo Scarlatti no número de 14 de Julho de 1935 "Como regra, os servidores de teatro ensaiam dias e meses sem ver dinheiro, para conseguirem trabalho com remuneração durante meia

dúzia de noites."

O mesmo estudioso de teatro, no número de 1 de Dezembro do mesmo ano, depois de largamente elogiar a empresa Amélia Rey-Colaço — Robles Monteiro por ter apresentado com "tanto senso crítico e harmonia" a peça "Amadis de Gaula" de Gil Vicente pergunta, num grito de desespero, depois de a referida peça ter abandonado o cartaz após quatro únicas sessões:

"Mas onde estão os milheiros de diplomados pelos liceus? Onde param os bacharéis e doutores, os poetas e os cidadãos letrados — os que aprenderam literatura portuguesa?"

No número de 12 de Julho de 1936 Braz Burity pensa que "O teatro português não precisa ressurgir, porque ainda não morreu, mas precisa custe o que custar, doa a quem doer, arrumar todos os seus valores, seleccioná-los e discipliná-los, para em pleno triunfo, se impor

e dominar a um público vibrante e entusiasta que, por instrinto, sente e ama o teatro."

Voltando ao já debatido problema cinema - - teatro, Braz Burity é de opinião que não se deve culpar o cinema da crise de teatro, conforme afirma no número de 2 de Agosto do mesmo ano.

No número de 30 de Agosto brada o mesmo crítico, com indignação: "Não pode ser - e tem de não ser.Há que estabelecer - dentro do sindicato profissional dos artistas dramáticos - se é que existe - ou seja donde, obrigatória e legalmente, isso possa fazer-se - um ordenado padrão, máximo e mínimo, para os dois sexos e duas categorias de artistas. No teatro ninguém pode ganhar menos do que o estritamente necessário para viver e ninguém pode ganhar mais do que, por tabela,ganham as primeiras figuras da sua classe - quando trabalham e não andam aos paus!"

Outro aspecto, que muito tem contribuído pa-